

# FRANCISCO ALVIM

Confia, mãe, mas desconfia

— Pra ela todo mundo é coitado!

## **Mula**

A mãe  
casou muito cedo  
tinha 19 anos  
sempre dentro de casa  
criando os filhos  
nunca saiu na rua  
Separou  
agora entrou nessa,  
de desespero  
E agora?

## Filho e pai

Chegava nas casas  
tocava a campainha  
Tem alguma coisa pra lavar?  
Roupa carro banheiro cozinha  
Não sabia pedir  
Queria trabalho  
Tinha cinco anos  
quando minha mãe morreu  
meu pai sumiu  
Fui criado ouvindo um conselho aqui  
outro ali  
O que é bom  
não te oferecem  
Pro que é ruim  
batem na tua porta  
Eu nunca quis  
despistava  
Hoje dou a meus filhos  
o que dele não recebi  
Eu que sou pobre  
na verdade  
sou rico

Mas

é limpinha

## Mente

quase além da sensação  
do estar vivo  
pura luminosidade dentro  
de retina inexistente —  
a que tudo enxerga  
tudo sente  
(o tudo que é vida  
e será morte) —  
a palavra (palavra?) amor

amor

# VILMA ARÊAS

## Boquinha

Na minha família dizia-se querer boquinha embora nem todos quisessem de modo igual. As mulheres por exemplo não podiam se pronunciar abertamente sobre o assunto; só entre cochichos e risadinhas nas ocasiões festivas depois de vários tragos de vinho ordinário quando ninguém prestava atenção a coisa alguma. Mesmo assim a referência era torta. Ele só quer boquinha, diziam falsamente indignadas e ainda mais belas, os olhos faiscando nos dentes enfumarados de vinho. Os homens não as desmentiam, queriam mesmo e queriam ruidosamente o tempo todo. Até os padres queriam boquinha. O Monsenhor Moura, por exemplo, que rezava missa na Catedral. Pois apesar da importância do cargo tinha uma filharada no outro lado do rio. Também, todo bonitão. As carolas suspiravam cobertas com véus pretos. Mas não era o único. Certo padresco mandara prender com falso testemunho o marido de sua bela para ficar mais à vontade nadando todo espanéfico — dizia Nelinha — na água ardente do pecado mortal. Havia pouquíssimas exceções. O Padre Severino era uma delas, santo que morreu queimado de tanto fumar. A brasa caiu no lençol, transformando a batina esfiapada em tocha viva, ele em carvão. Seria possível um santo morrer nas chamas do inferno? Preto assim? A família cismava às margens do Paraíba do Sul naquele dia turvo e encrespado que obrigava as pranchas a enrolar as velas pandas. As crianças cochichavam, quem agora vai tomar conta dos meninos pobrinhos que ele catava na rua para encher o asilo? Quem? Um ponto era entretanto perturbador: por que será que ele fumava tanto? Mas que coisa. De repente a resposta brilhou em todos os olhos: obviamente ele também queria boquinha. Queria, mas tinha que desviar o pensamento. Fumando sem parar. Ora, desviar o pensamento era outro ponto de honra que fazia par com firmar o pensamento, ambos subordinados à oração principal regida pelo verbo querer. Por exemplo, Rubinho chegando de porre naquela madrugada de verão sem conseguir enfiar a chave na fechadura. Acabou dando um berro que venceu a ventania e pôs todo o mundo de cabelo em pé. Afirmou com voz pastosa que inutilmente firmava o pensamento, porque ele ia e ia e entortava. Eu firmava, ele entortava. Ele desviava, corrigiu tio Landinho paciente com o sobrinho que começava a criar asa de boa plumagem ao sopro do inexcedível esporte de querer boquinha. Dindinha era outra exceção, desta vez radical. Dindinha, cuja distração única além de cuidar das crianças de todo o mundo era ir e voltar das missas, calcando a poeira das ruas de Matadouro com os sapatos cambaios. Se angustiada, lastimava o noivo que se casara com outra quando fora rever parentes na Calábria. Escrevera que fora o destino, queria ficar cego em porta de igreja, não pudera fazer nada. Ela trancou o enxoval a sete chaves no baú de folha-de-flandres. Muitos anos depois abriram, os ratos tinham roído tudo. Minha mãe dizia que ela nem sempre fora Dindinha. Tinha sido a bela Luzia de olhos melados e cintura fina. Difícil de acreditar. Não quis arranjar

outro noivo, Dindinha? Batia no peito fazendo chacoalhar rosários e medalhas. Graças a Deus tenho as calcinhas limpas. Limpas. Os homens davam gargalhadas, principalmente quando emborcavam muitos copos daquele vinho que trazia à mesa do jantar o fantasma de seu Vicenzo, trabalhando feito mouro para fazer dinheiro, esbanjado depois pelos filhos que só queriam ficar craques no tal esporte de querer boquinha. Riam e afirmavam que era mesmo certo algumas não quererem, devia ser de vergonha, porque Deus sabia o que fazia e fizera as mulheres sujas. Sangravam e tinham cheiro de bacalhau. As donzelas e as meias-donzelas, as santinhas e aquelas do pau oco, as putas e as tiçunas. No fundo farinha do mesmo saco. Para não falar nas brejeiras que trabalhavam enfiadas nos brejos. Aquele cheiro ficava grudado na pele somado ao outro. Iguais. Entre as pernas o famigerado cristal que não podia jamais ser arranhado, o menor tracinho estragava. Era a honra. Homem, não, bastava tomar um banho. Pronto.

A cena era assim. Depois do espetáculo o rio corria as cortinas de água, as pranchas fechavam as asas, os homens saíam correndo para pegar o bonde, as crianças — mesmo aquelas que hoje em dia já estão mortas e enterradas — cochilavam descansando a cabeça no bracinho dobrado. Eram então carregadas pelas belas mulheres e deitadas nas camas sob as janelas. Gemendo com o vento sul.